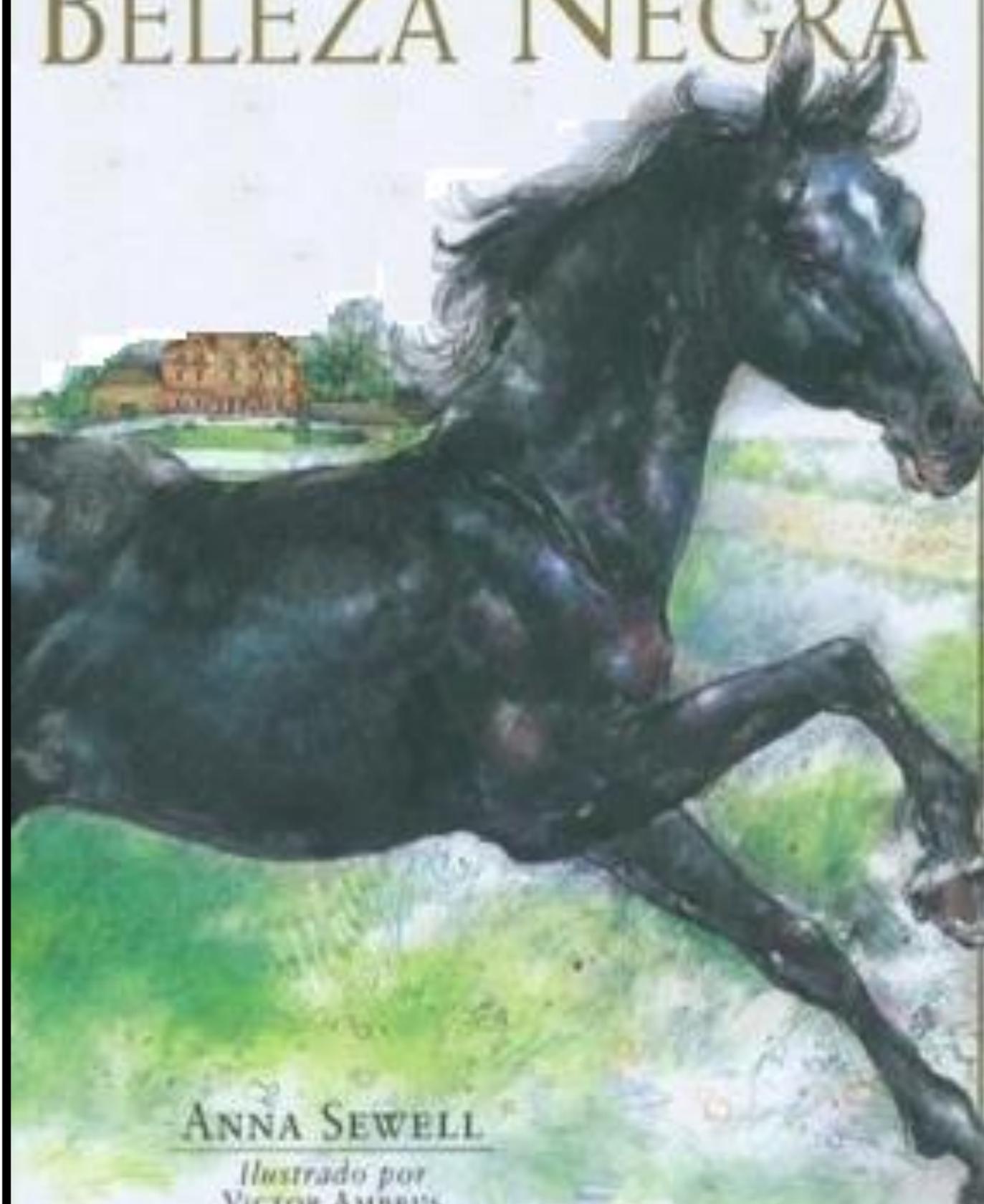


Companhia das Letras

BELEZA NEGRA



ANNA SEWELL

Ilustrado por
VICTOR AMBRUS

**Coleção Aventuras
Grandiosas**

Traduzido do original eqüino por
Anna Sewell

BELEZA NEGRA

A Autobiografia de um Cavallo

Adaptação de Rodrigo Espinosa
Cabral

Capítulo 1

Lembro-me de um PRADO, muito grande, com uma vegetação fofa, cheirosa e verdinha, que se estendia de um riacho em sua parte mais baixa até um bosque em sua parte mais alta. Depois da cerca ficavam as plantações, e, do outro lado, a casa do nosso dono.

Tive a sorte de nascer na propriedade de um dono bom, que nos tratava bem, dando boa comida, abrigo, cuidados ²

médicos e até carinho! Minha infância foi feliz. Quando ainda era bebê, bebia o leite da minha mãe, mas logo aprendi a PASTAR e não precisei mais incomodá-la. Aprendi a correr ou galopar, como nós gostamos de dizer, e se tinha sede ia até o riacho beber água fresquinha. Quando estava com fome era só me abaixar um pouquinho e comer aqueles deliciosos capins verdes. Eu pensava: “Como é bom ser um cavalo! Por qualquer lugar que ande 2_

encontro comida!” Mas tive que mudar de idéia quando, ao voltar para casa, que nós chamamos de estábulo, não encontrei minha mãe. Fiquei triste, mas à noite, quando ela voltou, pude brincar com ela.

Depois entendi que meus donos precisavam dela para trabalhar. Antes, quando eu bebia o leite dela, eles a deixavam ficar o dia todo comigo, mas, quando aprendi a me alimentar sozinho, eles a levaram. Sem minha mãe por perto, passei a interessar-me

por outras coisas. Adorava cheirar plantas, flores e galopar pelo prado. Quando me juntava com os outros **POTROS**, brincávamos de dar coices e mordidas uns nos outros. Uma vez, voltando do trabalho, minha mãe presenciou nossas brincadeiras e eu levei a maior bronca.

- * **PRADO**: campo coberto com pasto
- * **PASTAR**: comer pasto
- * **POTRO**: cavalo de até quatro anos

Disse que eu era um cavalo de raça, nascido numa família

com ANTEPASSADOS ILUSTRES. Meu avô, por exemplo, havia sido campeão nas famosas corridas de cavalo de Newmarket e minha mãe era tão linda e elegante que recebeu o nome de Duquesa, embora fosse chamada de Queridinha pelos nossos donos. Por falar em nome, o tempo ia passando, eu já tinha mais de um ano e ninguém havia me dado um apelido sequer!

Umás semanas depois de eu fazer dois anos, vi algo

muito curioso. Uma MATILHA fazia um estardalhaço sem fim nas terras além do riozinho. Um dos potros disse que eram os cães. INTRIGADO, atravessei o córrego e cheguei mais perto. Os tais cães eram animais engraçados e ferozes ao mesmo tempo. Corriam com boca aberta. As línguas balançavam. Alguns respingavam babas do focinho. Vinham alucinados, atrás de um outro bicho, bem menor, orelhudo e peludo. Minha mãe, que tinha vindo atrás de mim,

disse que era uma lebre e que os cachorros a estavam caçando, a mando dos homens de vermelho, que vinham logo atrás, galopando cavalos grandes e esforçados.

A lebre tentava fugir, mas chegou numa cerca e ficou sem saída. Os cachorros a cercaram, rosnando e latindo. Na correria um cavalo caiu. Acho que pisou num buraco e seu cavaleiro voou longe e foi parar num lamaçal, à beira do ₃ rio. Quando se levantou, estava todo encharcado. Meu

dono foi ajudá-lo. Era George Gordon, o filho do proprietário de todo aquele HARAS. Já o cavalo caiu e se levantou mancando muito. Tinha partido um osso da perna. Minutos depois, alguém apontou um rifle para a sua cabeça e puxou o gatilho. Era um cavalo marrom, como minha mãe, e era forte também, mas foi derrubado pelo tiro. Tremeu por alguns segundos e depois não se mexeu mais.

Minha mãe ficou muito triste. Depois ela disse que ³

tínhamos que sair dali, pois
nosso território ia só até o
riacho. Obedeci e voltei. Mais
tarde disseram-me que o
cavalo tinha sido
SACRIFICADO por que não
poderia mais ser útil aos seus

- * **ANTEPASSADO**: parente antigo
- * **ILUSTRE**: notável, célebre
- * **MATILHA**: grupo de cães de caça
- * **INTRIGADO**: desconfiado, curioso
- * **HARAS**: fazenda para criação de cavalos
- * **SACRIFICADO**: morto

donos. Também disseram-me que seu nome era Rob Roy e que era meu irmão mais velho.

Aquela cena encheu-me de tristeza e dúvidas. Por que os homens de vermelho faziam aquilo? Eu já tinha aprendido que quando os animais caçam é para se alimentar, mas e os humanos? Perguntei para outros cavalos e me disseram que os humanos se alimentam de modo estranho e tiram comida de dentro de sacolas! Quando eu disse que havia visto vários deles atrás de

uma lebre tão pequena, uns não acreditaram, outros riram, mas Elói, o cavalo mais sábio, falou que os humanos caçavam por prazer.

Com o passar dos dias, aquele episódio ficou na lembrança e retomei minha vida, descobrindo as belezas da natureza, correndo e me alimentando. Meu pêlo foi ficando cada vez mais negro, brilhante e macio. Todos comentavam sobre o fato de eu estar ficando muito lindo e diziam que minha pata branca ⁴

e minha estrela branca na testa eram muito charmosas.

Até os quatro anos eu vivi “livre”, dentro do prado, com amigos, comida, Sol e alegria. Quando fiz quatro anos, George Gordon foi me visitar. Fez uns testes comigo. Galopei e TROTEI. Depois ele olhou meus dentes, patas, olhos e examinou meu pêlo. Disse que, eu estava em perfeito estado, pronto para ser domado e virar um “ótimo animal”.

Não sabia o que era ser domado, mas me empolguei porque queria ser um ótimo animal. Lembro que, quando me levaram, minha mãe se despediu com ar triste, que na hora eu não havia entendido, mas depois a vida me ensinou...

*TROTEI: andei com o ritmo natural de um cavalo

Capítulo 2

Para que eu fosse domado e aprendesse a ser útil aos meus donos, fui levado para uma grande fazenda chamada Birtwick Park. Lá tive que me acostumar com acessórios estranhos e incômodos. Os arreios eram basicamente formados pela cabeceira (uma espécie de focinheira para ajudar o cavaleiro a me controlar) e o freio (uma peça de metal que ficava atravessada sobre a minha

língua); quando o cavaleiro queria que eu parasse, puxava as rédeas, e o freio quase me sufocava. Não me restava outra opção a não ser obedecer.

Aprendi também a suportar o peso da SELA e dos ESTRIBOS, o incômodo de suas correias me apertando a barriga. Mas o pior de tudo foi quando meu dono montou na sela. No começo estranhei seu peso e seus comandos. Cheguei a me irritar quando ele usou o freio. Mas com o 5

passar do tempo, ele foi me conduzindo devagar e, como adoro passeios pelo campo, fui me acostumando. Quando vi já estava galopando com ele. Juntos formávamos um só ser. Eu era a força e a velocidade, e ele, o comando e a direção.

A cada dia eu tinha novas lições em Birtwick Park. Fui ensinado a puxar carroças, carretas e diligências. Procuro sempre seguir um conselho dado por minha mãe: “obedecer às ordens de meus donos, para não ser punido”. 5

Minha mãe tinha dito que havia vários tipos de donos de cavalos. Alguns eram bons e alguns eram maus. Por isso, nós, cavalos, tínhamos que nos comportar bem para evitar o pior, afinal era muito comum sermos vendidos e correremos o risco de ter um dono mau.

* **SELA:** assento onde o cavaleiro monta

* **ESTRIBO:** peça onde o cavaleiro firma o pé para montar

Além dos ensinamentos **EQÜINOS**, em Birtwick Park conheci também **BAIAS** maiores, mais confortáveis e mais bem equipadas. Fiz amigos como uma simpática pônei cinzenta chamada Merrylegs e também uma égua castanha lindíssima chamada Ginger. No começo Ginger não gostou muito de mim, pois estava **TRAUMATIZADA**. Seu antigo dono a havia domado de uma forma muito cruel e, como consequência, ela tinha raiva de mim porque eu era 6

domado com paciência e carinho.

Mas, aos poucos, Ginger e eu fomos conversando e entendendo melhor a vida um do outro. Trabalhávamos e passeávamos juntos. John Manly, o cocheiro de Birtwick Park, tratava-nos muito bem e um dia levou-me até a casa da fazenda. Lá encontrei o senhor Gordon. Ele ficou feliz ao me ver e fez elogios à minha forma e ao cuidado do meu pêlo.

– Esse cavalo não é uma beleza, senhor?

– disse o cocheiro, muito feliz.

– Tem toda a razão, Manly! Ele é uma verdadeira beleza negra!

– Senhor, é isso aí! Beleza Negra. É um nome muito apropriado para ele, não acha?

– Acho sim – concordou o senhor Gordon. – Então, com a sua permissão, vou passar a chamá-lo de Beleza Negra.

– Sem problemas! – disse meu dono sorrindo.

A partir daquele dia, eu tinha tudo que qualquer ser vivo pode querer: um nome, um lar confortável, amigos, pessoas que cuidavam de mim, e meu coração batia animado para os lados de Ginger. Quando Manly nos levava para o pomar, onde podíamos correr livres pelo campo, minha felicidade ficava completa. Meus cascos adoravam pisar no campo e meu coração

enchia-se de prazer quando eu galopava ao lado de Ginger.

Ao mesmo tempo, continuava minha busca pelo conhecimento das coisas ao meu redor. Um dia, estava sozinho numa das extremidades do pasto quando comecei a ouvir um barulho ritmado e crescente. No começo assustei-me, pois não

- * EQÜINO: relativo ao cavalo
- * BAIA: espaço onde os animais são recolhidos
- * TRAUMATIZADA: com problema emocional

sabia o que era, mas depois virei minha cabeça e vislumbrei: era uma enorme máquina negra que vinha em linha reta, com muita velocidade ao longo da cerca, mas do outro lado da propriedade. Quando passou por mim, não tive dúvidas e comecei a correr ao lado daquilo, mas não consegui acompanhá-lo por muito tempo. Aquele bicho comprido não cansava nunca e EXPELIA uma fumaça cinza muito

escura pelo seu nariz
barulhento!

Mais tarde, Ginger disse-me que aquilo não era um monstro, mas um trem a vapor. Os homens o chamavam de “cavalo de ferro”. Achei estranho, porque para mim os cavalos são muito mais bonitos do que os trens. Ginger riu e disse que eu tinha que aprender muito ainda sobre a vida. Fiquei até irritado, porque ela falou isso como se fosse bem mais velha

do eu! Só que tínhamos quase a mesma idade!

Como eu já havia sido ensinado a puxar carroças e a trabalhar como montaria, meu dono cada vez mais solicitava meus serviços. De certa forma eu ficava feliz, porque trabalhando eu me sentia útil e conhecia outros lugares e outras pessoas.

Numa dessas viagens, levei o senhor Gordon e John Manly até Londres. Fiquei surpreso com a cidade. Meus donos tinham negócios importantes 7

para tratar lá e demoraram muito. Na volta, tive que puxar o DOG-CART à noite e durante uma chuvarada. Ventava muito. As árvores sacudiam e soltavam suas folhas como se estivessem desesperadas. Gordon e Manly estavam preocupados com o tempo. Pela conversa deles, entendi que não queriam estar viajando à noite, mas não havia outra alternativa.

O caminho estava bem escuro, mas eu seguia em frente com firmeza, tentando 7

cumprir minha obrigação. Até que, ao ver uma velha ponte de madeira, eu parei. Gordon ordenou que eu continuasse em marcha, mas eu não podia continuar. Ele agitou as rédeas, mas continuei parado. Manly decidiu descer para me puxar pela cabeça. Os dois estavam **PERPLEXOS** com o meu comportamento, pois eu nunca havia agido daquela forma.

- * **EXPELIA**: lançava
- * **DOG-CART**: charrete leve, com rodas grandes
- * **PERPLEXO**: espantado

– Vamos, Beleza! –
gritava o senhor Gordon.

Mas eu continuava
EMPACADO. A ponte rangia
e eu pressentia que havia
perigo nela. Confirmando
minha suspeita, ouvimos a voz
de um policial, do outro lado
da ponte, gritando:

– Fiquem onde estão!
Fiquem aí! A ponte está
quebrada! Parem aí mesmo! O
rio subiu muito e levou um
pedaço da ponte!

Tivemos que voltar e pegar
outro caminho mais longo até 8

nossa casa, mas meus donos
me abraçaram felizes, porque,
se tivéssemos continuado,
poderíamos ter morrido
naquela ponte.

EMPACADO: emperrado, parado.

Capítulo 3

Fui aprendendo que, na vida, alternamos momentos de tranqüilidade com momentos de fortes emoções. Após o episódio da ponte, tive vários meses calmos em Birtwick com o prazer de conhecer James, um esforçado iniciante nas artes de **CAVALARIÇO**. Mas, como a vida nunca é monótona e sempre apresenta surpresas, logo eu estava às voltas com o perigo e a aventura.

Era inverno e meus donos requisitaram Ginger e eu para uma viagem mais longa. Percorremos as estradas do norte por dois dias até chegarmos numa **ESTALAGEM** onde eu poderia descansar e receber cuidados. Lá fui tratado por dois cavaleiros muito competentes que tiraram nossos arreios e deram uma escovada profissional em nossos pêlos empoeirados pela viagem. Depois nos levaram para baías quentinhas onde

poderíamos repor nossas energias.

Da baía, vi quando um outro viajante entrou com seu cavalo. Enquanto o cavalariaço tratava do animal, o sujeito fumava seu cachimbo. Era uma noite fria e o homem ofereceu-se ao cavalariaço para buscar mais feno para o seu cavalo, no andar superior da estalagem. Cansado de tanto escovar cavalos, o jovem concordou com o homem e não se importou com o fato de ele entrar fumando numa área com

materiais altamente **INFLAMÁVEIS**. O homem desceu um fardo de feno, o cavaleiro terminou de tratar do cavalo, guardou o animal na baia, e os dois deixaram a estalagem. Minutos depois uma fumaça acelerada começou a sair da parte superior do prédio de madeira. Alguns cavalos dormiam, mas os acordados começaram a relinchar e corcovear com medo. Logo já era possível Beleza Negra ver chamas gulosas pintando de amarelo e laranja as paredes e

os caibros do galpão. Eu temia por Ginger e pelos outros cavalos. Estávamos presos e amarrados! A fumaça começava a tomar conta de tudo e só o que podíamos fazer era ouvir o crepitar das chamas devorando o feno e a madeira seca.

* **CAVALARIÇO**: empregado responsável pelo tratamento dos cavalos.

* **ESTALAGEM**: hospedaria.

* **INFLAMÁVEL**: que pode incendiar com facilidade.

Por sorte, o jovem cavaleiro James foi corajoso e, assim que ficou sabendo do incêndio, entrou na estalagem e começou a retirar os cavalos. Para que eles não se assustassem, o homem os vendava com seu cachecol. Quando ele me retirou, eu queria tanto poder falar a língua dos homens para poder dizer a ele que salvasse primeiro Ginger e não eu. Mas como não sabia falar, fui levado e fiquei do lado de fora, torcendo para que Ginger 10

conseguisse escapar viva também e RINCHANDO para que ela soubesse que eu estava bem.

Quando vi James puxando Ginger em meio à fumaça e à confusão do pátio, fiquei muito feliz. Mais tarde ela me disse que, ao me ouvir lá de dentro, criou coragem para enfrentar a situação. Desde aquela noite nossa amizade fortaleceu-se ainda mais. Percebemos o quanto gostávamos da companhia um do outro. O senhor Gordon deu uma 10

gratificação em dinheiro para James por ter agido com bravura.

Alguns minutos depois os bombeiros chegaram. Já era tarde para salvar o prédio da estalagem, mas conseguiram retirar vários cavalos lá de dentro. Na manhã seguinte, contudo, soubemos que dois cavalos haviam morrido no incêndio. O homem que causara o acidente foi levado pela polícia para ser interrogado após o cavalariaço

da estalagem ter contado a sua versão dos fatos.

Ginger e eu ficamos tristes com aquele acidente, mas não há nada melhor do que um dia depois do outro. Nos meses seguintes enfrentamos um inverno bem frio, mas nossos donos nos cobriam com mantas e dormíamos no celeiro. Nos dias de Sol, aproveitávamos o máximo os raios quentes no dia frio. Ginger adorava passear perto do pomar e eu a seguia.

Certa noite, no começo da primavera, John Manly foi me buscar no estábulo. Senti que ele estava nervoso. Suas mãos tremiam ao me colocar os arreios. Ginger assustou-se, porque não era muito comum sermos requisitados para trabalhar à noite. Fazendo um carinho em minha cabeça, Manly falou:

* **RINCHANDO:** soltando rinchos, som próprio dos cavalos

– Beleza, hoje preciso de você mais do que nunca! Fiquei curioso. Manly levou-me para fora onde o senhor Gordon o esperava com um ar preocupado.

– John, meu amigo, vá depressa e com cuidado. Chame o doutor White e salve a vida de sua esposa. Diga para White vir o mais rápido que puder. Deixe Beleza descansar um pouco na estalagem do vilarejo. Se possível volte com outro

cavalo. Amanhã buscamos Beleza. Agora vá!

John fez um gesto com a cabeça e montou rapidamente em mim. Atravessamos os jardins de Birtwick e entramos na estrada. Uma Lua grande iluminava a poeira que eu deixava para trás. Adorava correr e sentia a necessidade de me esforçar muito naquela noite. Assim, John não precisou usar seu chicote nem suas esporas. Galopei com **AFINCO** pelo bosque dos ciganos e segui pela estrada

que serpenteava por colinas e ladeiras. O vilarejo do doutor White ficava a treze quilômetros de nossa casa e chegamos lá de madrugada.

Estava tudo quieto. Todos dormiam no local. John bateu com força na porta da casa do médico por três vezes. Até que um homem alto, de óculos e cabelos escuros, apareceu na janela com uma cara de sono. John explicou que sua mulher estava passando muito mal e que o médico precisava ir até Birtwick para salvá-la.

O médico disse que seu cavalo havia galopado o dia inteiro e que seu filho havia viajado com o outro cavalo, e pediu que John o deixasse me montar.

– Este cavalo galopou de lá até aqui! Está exausto! Mas se não há outro jeito, vá nele!– disse John, com um certo desespero e um olhar triste voltado para mim.

Em instantes o doutor White estava sentando o chicote sobre o meu lombo. Ele era um homem mais alto e

mais pesado do que John e não sabia cavalgar muito bem. Por isso metia as esporas e o chicote no meu pêlo com bastante Beleza Negra frequência. Em condições normais um cavalo atinge cerca de 65 quilômetros por hora, mas naquela viagem de volta eu estava muito cansado e não conseguia desenvolver todo o meu potencial. Numa subida, o doutor notou que eu não agüentaria e APEOU. Foi

* AFINCO: dedicação

* APEOU: desceu do cavalo

um alívio. Passei uns cinco minutos caminhando colina acima sem ninguém em cima de mim. Aqueles minutinhos foram vitais. Consegui recuperar-me e terminar o trajeto com uma boa velocidade.

O senhor Gordon nos esperava na porta da casa e ficou surpreso ao me ver carregando o doutor. Assim que White entrou na casa, Gordon mandou Joe, o novo cavaleiro da mansão, dar-me água e descanso. O garoto fez o melhor que pôde. Até ¹²

massageou minhas pernas e meu tórax. Mas meu pêlo estava totalmente molhado de suor e minha musculatura inteira doía, tanto que era difícil ficar em pé. Após a massagem, Joe me deu milho e feno e foi embora. Inexperiente, o garoto esqueceu de me cobrir com a manta. Talvez tivesse pensado que, por eu estar com o corpo muito quente, eu não precisaria de agasalho, mas aos poucos meu corpo foi esfriando e o suor deixou meus

pêlos gelados. Consegui dormir com dificuldade, e acordei com uma forte dor nos pulmões. Doía para respirar e eu sentia muito frio.

Perto do amanhecer, John chegou a Birtwick e foi me ver, após ter estado com o doutor White. Ficou apavorado ao me ver atirado no chão, tremendo de frio. Rapidamente, pegou uma toalha e secou meu pêlo que ainda estava úmido. Depois me cobriu com uma manta bem grossa, assim eu poderia 12

conservar meu calor. Para me aquecer internamente, o bom John preparou um mingau com água quente e aveia. Dormi feliz com aqueles cuidados, mas, ao acordar no outro dia, continuava me sentindo muito doente. Meus pulmões estavam inflamados.

O senhor Gordon foi me ver. Chegou perto de mim, fez um carinho e disse:

– Beleza, você é o nosso campeão. Você salvou a vida da senhora Manly! Fique tranqüilo, nós vamos fazer de

tudo para recuperá-lo.
Agüente firme aí.

John também me incentivava bastante e dizia para todo mundo que se não fosse eu sua mulher estaria morta. Dizia para todos que eu parecia saber que a vida dela dependia do meu esforço. Pena que eu nunca aprendi a falar a língua dos homens, senão teria contado a John que eu sabia o que se passava com a senhora Manly e fiz o que estava ao meu alcance para salvá-la. Joe também

veio me visitar. Estava triste. Sentia-se culpado pela minha situação. Agira de forma errada não por maldade, mas por ignorância, e o senhor Gordon ficara enfurecido com ele. O senhor Gordon estava tão irritado com Joe que chegou a dizer que não sabia o que causava mais prejuízo: a maldade ou a ignorância. Desde que ouvi aquilo procurei prestar mais atenção nas coisas da vida, tentando aprender o máximo que eu

pudesse em minha passagem pelo mundo.

John tentou acalmá-lo, defendendo o garoto Joe. Mas Gordon disse que só iria perdoá-lo se eu me recuperasse. Durante cerca de uma semana eu fiquei mal. Então o senhor Bond, veterinário, disse que era preciso fazer uma SANGRIA, com um pequeno corte numa veia, para renovar o sangue e ajudar a diminuir meu problema. A perda de sangue deixou-me fraco. Senti minhas

forças deixando o meu corpo. Pensei que iria morrer e adormeci. Passei mais uma semana nesse estado **LASTIMÁVEL**. Então o veterinário passou a me dar um remédio forte e ao longo de outra semana fui me recuperando. Um mês depois, eu já estava pronto para novas aventuras, para alegria de todos, especialmente de Ginger, John, Joe e do senhor Gordon.

- * SANGRIA: perda de sangue
- * LASTIMÁVEL: lamentável

Capítulo 4

Quando já fazia três anos que eu vivia feliz em Birtwick, surgiu a notícia de que o senhor Gordon venderia a propriedade e todos os animais. Sua esposa vinha sofrendo muito com uma doença respiratória. O médico disse que a única forma de não correr risco de vida era mudar-se para uma região de clima quente.

Como o senhor Gordon amava muito sua mulher e não

queria perdê-la, decidiu pôr tudo à venda e ir para um país mais quente. Em dois meses estava tudo pronto para a mudança. As crianças, a governanta e a senhora Gordon viajaram antes, enquanto nosso dono acertava os últimos detalhes na Inglaterra. Até que chegou o dia da despedida. Ginger e eu puxamos sua carruagem até a estação de trem, de onde o senhor Gordon viajaria até o porto de Southampton. Estávamos todos muito

sentidos. Joe tentava esconder as lágrimas. Tentando não chorar, o senhor Gordon despediu-se de John, dos outros criados e até mesmo de Ginger e de mim!

Quando seu trem começou a se movimentar, soltando vapor, apito e fumaça, todos nós sabíamos que aquela viagem iria nos levar para novos lugares. Merrylegs foi doada ao pastor da comunidade perto de Birtwick. Lá ela poderia ensinar várias crianças a cavalgar, já que o

pastor tinha muitos filhos e sabia que crianças e pôneis formam um excelente conjunto. O pastor também contratou Joe. Fiquei feliz porque, dessa forma, sabia que ela ficaria bem.

Ginger e eu fomos vendidos a um conde, amigo do senhor Gordon, onde pensava que seríamos bem tratados. Após a despedida na estação ferroviária, John nos levou até nosso novo dono. Seguimos por uma estrada diferente, por uns vinte quilômetros, até

chegarmos na mansão de Earlshall Park. Nosso novo cocheiro era o senhor York. John disse para ele nossos nomes e deu algumas recomendações:

– Beleza Negra é um cavalo tranqüilo, tem ótima **ÍNDOLE**. A égua Ginger, como toda fêmea, é bastante **TEMPERAMENTAL**. O melhor é tratá-la bem e com carinho. Nunca colocamos **GAMARRA** nesses animais, portanto não sei se eles se adaptariam a ela agora que já são adultos

– disse John, tentando nos poupar de um modismo cruel.

Acho que eles terão que se adaptar – disse o senhor York –, pois a condessa não abre mão desse acessório nos cavalos que puxam sua carruagem.

Com um ar entristecido, John nos acariciou e disse que lamentava a existência de pessoas tão cruéis. O senhor York concordava com ele, mas, como era um empregado discreto, nada falou. John ¹⁵ olhou-nos pela última vez e

foi embora. Aquele olhar tinha muitas palavras bonitas e animadoras para mim e para Ginger.

No dia seguinte colocaram-nos as gamarras. Era algo simplesmente horrível, pois nos forçava a manter a cabeça erguida, ocasionando muitas dores pelo pescoço e pelas costas. Se tentávamos abaixar a cabeça para sentir um pouco de alívio, a gamarra nos machucava a boca. Ginger ficou muito irritada com aquilo e eu

também. Puxamos a carruagem da condessa, do estábulo até a frente do SOLAR de Earlshall. Quando nos observou, a mulher disse:

– Cocheiro, esses cavalos estão fora do padrão! Levante mais a cabeça deles, agora!

York apertou um pouco mais a gamarra e partimos. Não desejo para ninguém a experiência de puxar uma carruagem na subida com a tal da gamarra. Um cavalo simplesmente perde sua força e a dor nas costas, pescoço e

pernas é muito grande. Quando voltamos ao estábulo, Ginger me disse que não estava mais agüentando aquela tortura e que a qualquer hora poderia se rebelar.

Parecia que Ginger estava prevendo o pior. Naquela

- * **ÍNDOLE:** caráter, temperamento
- * **TEMPERAMENTAL:** instável, impulsivo
- * **GAMARRA:** correia que se ata ao bocal do cavalo para regular a altura de sua cabeça
- * **SOLAR:** casa de família nobre

mesma semana, a condessa requisitou nossos serviços e exigiu que York apertasse ao máximo as gamarras, pois iria visitar uma amiga muito chique. Contrariado, York obedeceu sua patroa e colocou a gamarra em mim. A dor era insuportável. Depois colocou em Ginger que enlouqueceu de raiva e de dor. Começou a se empinar e a dar coices. Numa das empinadas, Ginger tropeçou e caiu, chegando a quebrar uma peça da carruagem.

York a muito custo conseguiu acalmá-la. Ouvi o bom homem resmungar:

– Porcaria de gamarra!
Modismo inútil!

Nem preciso dizer que a condessa ficou furiosa conosco. Assim que se recuperou do tombo, Ginger foi dada a um dos filhos do conde, que a usaria em caçadas e em provas com obstáculos. Eu continuei puxando a carruagem. Minha alegria era encontrar Ginger no estábulo.

Quando o clima voltou a esquentar, York acompanhou meu dono, o conde, numa viagem. Durante dois meses, ficamos sob a **CUSTÓDIA** de Reuben Smith, um cocheiro muito eficiente e dedicado, mas que tinha um problema sério: o alcoolismo. York sabia disso, mas resolveu dar uma chance a Smith, que era seu amigo, já que ele estava há alguns meses sem beber. Confiando na experiência de York, o conde aceitou a

contratação de Smith e foi viajar.

No começo Smith mostrou-se bastante responsável. Sabia que se fizesse um bom trabalho poderia ser contratado em definitivo após aqueles dois meses de experiência. Contudo, com duas semanas de trabalho, Smith recebeu a visita de três velhos “amigos” de JOGATINA e beberagem. Em princípio quis resistir à tentação de jogar e beber, mas os homens insistiram e

Smith cedeu. Montaram uma mesa no estábulo e ficaram horas jogando, bebendo e fumando. Temi que outro incêndio acontecesse, mas, por sorte, os homens foram embora tarde da noite, sem queimar o lar dos cavalos.

Queriam que Smith fosse com eles ao vilarejo para obter mais bebida na casa de um conhecido deles. Smith disse que não queria ir, os homens insistiram e ele

- * CUSTÓDIA: cuidados, proteção
- * JOGATINA: vício do jogo

novamente acabou cedendo. Fiquei preocupado, pois o cavaleiro havia avisado Smith sobre uma ferradura que estava solta, mas, **EMBRIAGADO** como estava, o cocheiro nem se lembrou disso. Montou em mim e partiu com velocidade. Mesmo que eu estivesse me esforçando ao máximo, Smith me batia com o chicote. Quando entramos no vilarejo, a ferradura desprendeu-se de meu casco e saiu tilintando pelos paralelepípedos. Bêbado, Smith não 17

notou e não ouviu o
acontecido.

Meu casco começou a doer em contato com o chão duro das ruas do vilarejo. A dor aumentava a cada segundo daquele galope noturno. Manquei uma vez e Smith, em vez de diminuir a velocidade ou de me parar para verificar o que estava acontecendo, resolveu meter as esporas na minha barriga. Manquei de novo, tropecei e caí. Smith foi lançado para cima e caiu alguns metros à minha frente. 17

Meus joelhos doíam muito e meu casco sem ferradura também.

Os companheiros de Smith ouviram o estrondo da queda e pararam. Quando notaram que Smith não se mexia, fugiram. Isso mesmo! Fugiram, sem ajudar o “amigo” que ficou caído no chão frio. Bem mais tarde dois homens que passavam por ali constataram que Reuben Smith estava morto! Um deles era amigo de Reuben e quis me punir, dizendo que eu havia matado o

Smith. Mas o outro, mais sensato, analisou a situação e viu que eu estava sem uma das ferraduras e com o casco bastante ferido. Depois, chegando perto de Smith, percebeu que ele fedia a álcool.

– Esse cavalo não tem culpa de nada! – disse para seu amigo. – Veja seu casco. O pobre animal foi obrigado a cavalgar sabe-se lá quantos quilômetros ferido! Além disso, chegando perto de Smith dá para sentir seu bafo₁₇

de álcool! A polícia deveria prender pessoas que cavalgam por aí sob o efeito de substâncias alcoólicas!

Quando voltou de sua viagem, o senhor York ficou muito triste pela morte de seu amigo. O pobre homem sentia-se culpado pelo acontecido. Sem se abalar, meu dono, o conde, disse que não poderia manter em sua propriedade um Beleza Negra cavalo como eu, cujas pernas, que tinham sido feridas, ficariam com cicatri-

zes na altura do joelho.

* EMBRIAGADO: bêbado

Capítulo 5

Como o conde considerava minhas cicatrizes no joelho muito feias, fui vendido para um homem que alugava cavalos e carruagens. Nesse trabalho conhecia todo o tipo de condutor. Uns gostavam de correr. Diziam que a velocidade lhes dava prazer e, para isso, batiam muito nos cavalos. Outros nos chicoteavam por não saberem conduzir-nos. Alguns queriam se exhibir para suas namoradas

ou dar uma de machão e também resolviam golpear os pobres cavalos.

Eu e meus companheiros nada podíamos fazer a não ser lamentar a existência de pessoas cruéis. Uma vez um mau condutor meteu a carruagem numa estrada muito pedregosa e acabei enfiando a pata numa pedra pontuda que me feriu o casco. Fiquei um mês parado até me recuperar. Mas o pior mesmo aconteceu com Rory, meu colega. Um condutor **INSANO** o alugou e

resolveu descer uma ladeira a toda velocidade. Chegando ao fim do percurso o pobre Rory estava **EXAURIDO** e não conseguiu travar a tempo. A carruagem entrou bruscamente numa rua **PREFERENCIAL** e acabou batendo em outra **CONDUÇÃO**. Uma mulher machucou-se no acidente. Rory também, e quando se recuperou foi vendido para trabalhar numa mina de carvão. Nunca mais tive notícias dele, mas fiquei

Coleção Aventuras Grandiosas 18

sabendo que a fuligem e certos gases tóxicos que são liberados pelas minas acabam com os pulmões de qualquer ser vivo!

Minha sorte começou a mudar quando um condutor gostou de mim e resolveu me comprar para fazer passeios com a família. Meu novo dono era uma pessoa boa, mas não

- * **INSANO**: insensato, louco
- * **EXAURIDO**: fatigado, cansado
- * **PREFERENCIAL**: rua onde os veículos têm preferência de passagem em relação a outras ruas
- * **CONDUÇÃO**: meio de transporte

tinha experiência com cavalos e seus tratadores. Seu maior erro foi contratar um péssimo cocheiro chamado Alfred Smirk. O sujeito não passava de um malandro vagabundo e vaidoso que trata muito mal os animais. Esquecia de dar comida nos horários certos, não oferecia uma **DIETA BALANCEADA** e por preguiça e porquice nunca limpava minha baia! A sujeira na baia fez a palha apodrecer e perdi o **APETITE**. Em menos de um mês estava fraco. A podridão 19

da palha úmida infeccionou minha pata e comecei a mancar.

Meu dono levou-me ao veterinário, que explicou as causas da doença: falta de higiene na baia. Meu dono sentiu-se envergonhado, pois era uma pessoa que estava sempre **ASSEADA** e prezava muito a limpeza. Desiludido com a vida de proprietário de cavalos, decidiu demitir Smirk e vender-me. Mais uma vez, eu ficaria ao sabor do destino.

- * **DIETA BALANCEADA:** dieta com alimentos e proporções adequadas às necessidades de quem os utiliza
- * **APETITE:** vontade de comer
- * **ASSEADA:** limpa

Capítulo 6

Fui levado a uma feira de compra e venda de cavalos. Lá as pessoas me tocavam e apalpavam de cima a baixo. Examinavam cada detalhe do produto. Uns enfiavam as mãos na minha boca para olhar os dentes. Dentes muito para fora com as gengivas estreitas eram próprios de animais mais velhos. Meus dentes eram bonitos e estavam no lugar, pois eu ainda era jovem.

Acabei sendo vendido para Jeremiah Baker com o objetivo de puxar seu FIACRE nas apinhadas ruas de Londres. A capital da Inglaterra era um lugar de muita confusão. Milhares de pessoas disputavam espaço com cavalos, fiacres, carruagens, carroças, CABS e até mesmo ônibus e bondes puxados a cavalo. Os ônibus transportavam até vinte e oito pessoas e eram puxados por dois ou três cavalos que, com muito esforço, conseguiam se

Locomover a até 13 quilômetros por hora. Puxados por dois cavalos, os bondes carregavam até quarenta e oito pessoas e atingiam 11 quilômetros por hora sobre os trilhos.

Os carros de praça como o que eu comecei a puxar levavam até seis passageiros numa velocidade máxima de 24 quilômetros por hora. Não havia muitas leis de trânsito e quase todo mundo sabia (ou achava que sabia) guiar um cavalo. Jerry trabalhava 20

bastante, mas descansava aos domingos. Em sua casa havia outro cavalo, bem mais velho que eu, chamado Capitão. À noite eu gostava de conversar com ele. Capitão tinha muitas histórias. Havia estado na guerra! Fora cavalo de um grande OFICIAL inglês, que geralmente preferiam os cava-

* FIACRE: carro de praça (táxi) puxado a cavalo

* CAB: carro de praça rápido e elegante

* OFICIAL: militar em função de comando

Los brancos como ele.

Dizia que a guerra era o espetáculo mais horrível e mais emocionante que existia. Homens e cavalos lutavam lado a lado em meio a tiros, explosões e o TILINTAR de espadas afiadas. O medo e o desespero andavam de mãos dadas com a bravura. Para Capitão, a guerra era um baile onde a vida dançava com a morte.

As histórias dele me divertiam antes de dormir. Uma vez contei algumas delas 21

para outros cavalos no trabalho. Um deles disse que conhecia Capitão e me falou que o velho cavalo branco voltara meio maluco de seu último combate, onde seu dono, o tal oficial, morrera. Desde aquele dia, procurei não tocar no assunto para não **MAGOAR** meu amigo. Na verdade, fiquei com vergonha por estar falando dele por aí sem que ele soubesse. Em vez de ficar **FOFOCANDO** sobre a vida dos outros, decidi trabalhar com dedicação. 21

Assim, peguei o ritmo e fiz centenas de viagens com Jerry. Ajudei meu dono a pagar muitas contas e a sustentar sua família. Em troca eu recebia bastante carinho e muitos cuidados. Numa de minhas andanças, vi uma égua castanha muito magra e muito enfraquecida. Por sorte nossos donos pararam perto um do outro e consegui falar com ela. Era Ginger! Disse que estava muito triste. O filho do conde a obrigara a saltar obstáculos,

galopar e pular durante uma tarde inteira. Como Ginger nunca tinha sido treinada para isso, sentiu muito o esforço. No dia seguinte, o filho do conde repetiu sua irresponsabilidade e acabou estourando um tendão de uma perna de Ginger. Como resultado ela passou quase um ano enfaixada e depois foi vendida para trabalhar no trânsito pesado de Londres. Seu dono exigia demais dela, trabalhando inclusive aos domingos. Sem descanso, com

uma alimentação **DEFICIENTE**,
Ginger ficou deprimida. No
inverno, ela teve uma gripe
forte e mesmo doente foi
obrigada a trabalhar. Por isso
a coitadinha estava destruída.

Disse até que preferiria
morrer a estar naquele estado.

* **TILINTAR**: som de metais que se
chocam

* **MAGOAR**: provocar mágoa,
ofender

* **FOFOCANDO**: fazendo fofocas,
intrigas

* **DEFICIENTE**: com falhas, aquém
do necessário ou desejado

Eu quis arrebentar meus arreios e os dela para que juntos pudéssemos correr para longe daquela cidade cinza e fria.

Desejei muito que tudo fosse como antes, quando corríamos livres no pomar, comendo maçãs e fazendo carinho um no outro. Os cavalos são um símbolo de liberdade e Ginger sempre foi durona e rebelde, mas sua alma inquieta foi vencida pela **GANÂNCIA** do homem e de sua revolução industrial. 22

Ginger disse-me que os homens são mais fortes e que para que eu não sofresse como ela havia sofrido deveria obedecer seus comandos.

Nosso encontro terminou quando um passageiro entrou no fiacre de meu dono e tive que me movimentar. Fui embora entristecido, dando adeus a Ginger. Meses depois vi de longe uma égua castanha morta, sendo levada sobre um carroção. Chovia muito, não tenho certeza de que era Ginger, mas talvez tivesse 22

sido melhor que fosse, pois assim seu sofrimento estaria acabado.

Para dissolver minha tristeza, mais uma vez afundei-me no trabalho. Procurei estar sempre disposto e pronto para entrar em ação, sempre que Jerry me solicitasse. Juntos, através-sávamos dias e noites transportando as pessoas, suas bagagens e seus problemas.

Recordo que naqueles dias, como estava precisando 22

de dinheiro, Jerry resolveu trabalhar também nos feriados de final de ano. Muita gente comemora o Natal e o Ano-Novo como se fossem os últimos dias de suas vidas. Passam boa parte da noite bebendo, comendo e rindo. Muitos acham o clima frio e as ruas cobertas de neve algo lindo e pacífico. Como um cavalo de praça, tenho uma opinião diferente. Acredito que Jerry, meu dono, concorde comigo. Lembro que levamos dois nobres cavalheiros para a 22

parte rica da cidade na noite de Ano- Novo e os deixamos em frente à praça de West End. Eram nove horas e eles pediram que os buscássemos às onze da noite.

A esposa de Jerry queria que ele estivesse em casa para comemorar a virada do ano, já que, no Natal, estivemos ausentes devido ao trabalho. Ele prometeu a ela que tentaria chegar a tempo. Calculou que buscando aqueles passageiros às onze e os levando de volta ao centro, 22

chegaria em casa uns dez minutos antes do Ano-Novo, e sua esposa ficaria contente.

Às onze horas estávamos em frente da casa de West End. Fazia muito frio e uma neve fina e insistente caía sobre a rua. Jerry tentava se esquentar cruzando os braços. De tempos em tempos, olhava no relógio: onze e quinze, onze e trinta, quinze para a meia-noite, e nada de os

* **GANÂNCIA:** ambição, desejo exagerado

sujeitos aparecerem. À meia-noite, meu dono bateu à porta da mansão e ouviu do mordomo que os dois haviam resolvido comemorar a virada do ano na mansão, mas que deveríamos esperar por eles.

Os dois apareceram somente à uma e quinze! Triste por perder a comemoração organizada por sua esposa, Jerry ainda teve de agüentar os dois reclamando do frio que fazia na rua e mandando meu dono seguir rapidamente para o

centro, pois estavam “congelando”. Nada o deixava mais irritado do que passageiros **DESAFORADOS** que lhe diziam para correr com o fiacre. Eram pessoas que nunca se importavam com os cavalos, ao contrário de Jerry, que nos tratava com respeito, como companheiros de trabalho.

Quando chegamos ao centro, bastante irritado e tossindo muito, Jerry cobrou três vezes mais pela corrida, devido ao tempo extra que

ficamos esperando. Os homens reclamaram, mas pagaram. Infelizmente aquela foi nossa última jornada de trabalho juntos. No dia seguinte Jerry não apareceu no estábulo para tratar de mim. Seu filho cuidou-me, o que me deixou preocupado. Depois descobri que meu bom dono estava bastante doente devido àquelas horas de frio intenso.

Demorou três semanas para recuperar-se, e quando ficou bom, resolveu seguir o conselho de seu médico, ²³

abandonando a profissão de cocheiro, que tanto lhe dava prazer. Novamente sabia que minha vida ia mudar. Havia passado três duros anos nas **CONTURBADAS** ruas de Londres, o suficiente para esgotar qualquer animal.

Como não poderia deixar de ser, Jerry vendeu o fiacre, Capitão e eu para pessoas diferentes.

* **DESAFORADO:** inconveniente, atrevido.

* **CONTURBADA:** alvoroçada, problemática

Capítulo 7

Fui comprado por um plantador de trigo e dono de padarias. No novo lar eu tinha bastante comida, mas era obrigado a trabalhar muito, puxando carroças lotadas de produtos pesados, como grandes sacos de farinha. Era horrível puxar a carroça por estradas esburacadas, por trajetos longos, do campo até a cidade. O pior eram as subidas! Uma vez a carroça estava sobrecarregada com

FARDOS de produtos diversos e eu simplesmente não conseguia vencer o **ACLIVE**. Meu capataz começou a me chicotear, gritando:

– **Vaaaamô!** Vamos lá, seu cavalo vagabundo!

Aquele homem me batia como se aquilo lhe desse prazer! Ainda por cima me chamava de vagabundo, enquanto eu quase morria fazendo força. Se ele descesse da carroça eu conseguiria vencer a subida! Se ele me ajudasse,

empurrando a carroça pela parte de trás, seria ainda mais fácil. Depois ainda dizem que os animais são seres irracionais, mas nunca vi um bicho escravizar um ser humano!

Naquele momento senti uma saudade de John, meu condutor em Birtwick Park. Quando usava o chicote ele não me golpeava, apenas fazia o instrumento tocar o meu dorso e eu respondia. Como meu capataz era bem mais

BRONCO do que John, apanhei muito naquele dia.

Outro dia a cena se repetiu. Novamente eu sofria para vencer uma subida e era **SURRADO** por isso. Até que uma boa senhora apareceu e convenceu Jake, meu capataz, a soltar a gamarra. Sem a “maldita” gamarra, baixei a cabeça e coloquei toda a força nas patas e no peito, e

- * **FARDO**: pacote, embrulho
- * **ACLIVE**: subida
- * **BRONCO**: tosco, burro
- * **SURRADO**: sovado, espancado .

a carroça se mexeu fácil,
fácil.

Aquela boa senhora
REPREENDEU Jake, dizendo
que era “coisa de ignorante”
forçar o animal por causa de
um modismo. Jake realmente
era ignorante, pois respondeu
para ela que preferia me
forçar a ser ridicularizado
pelos outros carroceiros que
gozavam muito de quem não
usava gamarra no cavalo.
Irritada, a nobre senhora foi
embora com uma certa

vergonha de pertencer à raça humana.

Eu mal sabia que embora fosse estúpido, Jake não era o pior tipo de dono. Um ano depois, fui vendido para Nicholas Skinner, um homem rico e **GANANCIOSO**, dono de uma frota de carros de praça. Skinner alugava seus fiacres para diversos empregados. Meu condutor trabalhava até dezesseis horas por dia, inclusive aos domingos, para poder pagar o

aluguel do carro e obter algum lucro para sua família.

Estava sempre com pressa, porque, pela sua lógica, quanto mais corresse, mais clientes teria num mesmo dia, sem se importar com acidentes e com o meu **DESGASTE** físico. Uma vez fomos multados por um guarda de trânsito e meu condutor perdeu o lucro do dia. Em poucos meses eu estava magro e cansado. Os músculos doíam e eu lembrava de Ginger. Como ela, cheguei

a pensar que a morte seria o melhor que poderia me acontecer.

O **ÁPICE** da minha desgraça foi quando buscamos uma família recém-chegada à Londres na estação ferroviária. O passageiro gordo e **FALASTRÃO** negou-se a alugar dois carros para economizar e decidiu que eu teria que puxar toda a sua bagagem (várias malas e caixas pesadas), além dele, sua esposa e seus dois filhos. Não adiantou sua filha pedir

que a bagagem fosse em outro fiacre e muito menos o cocheiro sugerir o aluguel.

– Eu é que sei! – disse o homem, falando muito alto. – Estou pagando! Se vocês querem outro carro, aluguem vocês.

- * **REPREENDEU:** deu uma bronca
- * **GANANCIOSO:** cheio de ambição
- * **DESGASTE:** cansaço, fadiga
- * **ÁPICE:** apogeu, auge
- * **FALASTRÃO:** sujeito que fala muito

A cada passo eu sentia uma dor cada vez maior e, quando me esforçava, parecia que minha barriga se esticava e que a coluna ia romper. O condutor me “incentivava” com golpes no lombo, nas costelas e até na cabeça, e eu ia tentando cumprir minha missão! Na rua Ludgate Hill o piso estava molhado. Ao me esforçar, meu casco resvalou. Escorreguei e caí. Senti um músculo distender-se na queda. Tentei levantar-me, mas a dor era cruel. Sem

alternativa, fiquei jogado na rua.

Depois de algum tempo apareceu um policial. Mandou que me retirassem as rédeas e que buscassem outro cavalo para puxar o fiacre. Mais tarde, consegui me levantar e fui levado para um estábulo perto dali. Fui alimentado e dormi. No outro dia voltei para o estábulo de Skinner e fiquei sabendo que teria uns dez dias de repouso e boa alimentação, para depois ser

novamente vendido numa feira de cavalos.

No dia da feira eu estava um pouco melhor, sem dores nos músculos, embora puxasse um pouco a perna devido à distensão. No **ENTREVERO** de vendedores e compradores, algumas pessoas riam de mim, dizendo: “Olha que cavalo **ESTROPIADO!**” Outras tinham pena e muitas eram indiferentes ao meu estado.

Um garoto, porém, ficou sensibilizado e, puxando seu avô pela manga da camisa, ²⁶

resolveu ajudar. Era o seu aniversário e ele disse que queria me ganhar de presente. Disse que pretendia me recuperar, pois não suportava ver um cavalo num estado tão sofrível. Em princípio seu avô tentou convencê-lo a escolher um animal em melhor estado, mas como o garoto se mostrou firme em seus propósitos, o senhor Thoroughgood decidiu comprar-me.

- * ENTREVERO: desordem, confusão
- * ESTROPIADO: extremamente cansado, avariado

Capítulo 8

O melhor da vida é vivê-la, aproveitando sempre seus momentos, porque eles nunca se repetem. Cada experiência é única e devemos fazer bom uso dela. Após ter sofrido muito nas ruas de Londres, tive a sorte de voltar a morar numa fazenda. Graças a Willie e seu avô, fui aos poucos recuperando minhas forças. Na fazenda passei uns três meses em repouso, com direito a estábulos limpos e uma ótima 27

alimentação que fez meu pêlo recuperar seu brilho e meus músculos voltarem a aparecer.

Para a minha felicidade, o senhor Thoroughgood contratou um excelente cavaleiro. Em seu primeiro dia de trabalho, ele aproximou-se de mim e disse:

– Olá, meu nome é Joe. Espero que sejamos amigos.

Mais tarde, enquanto escovava meu pêlo, Joe falou:

– Sabe que eu gosto de cavalos pretos como você? Eu conheci um que era incrível. 27

Tinha a pele negra e uma pata branca, assim como... você! E tinha uma estrelinha branca na testa – disse, afastando minhas crinas e se surpreendendo com minha mancha branca.

ABISMADO, Joe continuou sua investigação, falando:

– Beleza tinha uma cicatriz no pescoço, fruto de uma sangria que fizeram nele porque eu quase o matei quando ainda era um aprendiz de cavaleiro e... Ei, agora 27

não tenho mais dúvidas! É você, Beleza! É você! Aqui está a cicatriz! – disse Joe me abraçando.

Eu também não o havia conhecido, pois ele era quase uma criança e agora era um homem feito, mas fiquei muito contente em vê-lo. Joe tornou-se um ótimo cavaleiro e nunca deixava que me faltasse nada. Chegou até a escrever para o senhor Gordon

* **ABISMADO:** muito espantado, admirado

e sua esposa contando sobre mim!

Observando as cicatrizes que Reuben Smith deixara em meus joelhos, Joe disse que lamentava muito os sofrimentos pelos quais eu tinha passado na vida e prometeu que caso eu fosse colocado à venda ele me compraria. Disse que eu poderia ficar tranqüilo que nós ficaríamos juntos em definitivo.

Faz mais de um ano que eu moro com ele nesta 28

fazenda verde e **AMPLA**.
Willie e suas irmãs adoram
passear comigo e são
condutores gentis. Sinto que
vou passar minha velhice aqui,
galopando pelo campo,
tomando sol na **RELVA** verde
e fofa e sonhando com minha
mãe, Merrylegs, o senhor
Gordon, John, Jerry... e, é
claro, com a minha querida
Ginger.

- * **AMPLA**: vasta, grande
- * **RELVA**: vegetação rala e rasteira própria dos campos

ROTEIRO DE LEITURA

1) Você tem algum animal de estimação? Qual? Você o trata bem?

2) Beleza Negra era um animal de estimação ou um animal de trabalho? Por quê?

3) Você já viu algum animal de trabalho? Qual? Quem o estava utilizando e com que finalidade?

4) Você já andou a cavalo? O que você sentiu?

5) A história se passa no século XIX, quando os trens estavam começando a ser usados e os automóveis ainda não haviam sido inventados. Hoje, no século XXI, quais são os inconvenientes e os problemas dos meios de transporte existentes?

6) No livro há várias passagens em que os animais são maltratados. Qual delas chamou mais a sua atenção? Por quê?

7) Atualmente você acha que esses abusos contra os animais ainda acontecem? Cite algum exemplo.

8) O que era a gamarra?

9) Os cavalos sofriam devido ao modismo da gamarra. O que você pensa a respeito da moda? Você já se sentiu mais feliz ou infeliz por estar de acordo ou não com determinada tendência?

10) Para onde Rory foi mandado após o acidente? O

que você acha que aconteceu com ele? Beleza Negra

11) Em um dado momento da narrativa, Beleza Negra questiona a opinião de que os animais são seres irracionais e os humanos, seres racionais. Qual sua opinião a respeito?

12) Qual era o problema de Reuben Smith e o que aconteceu com ele?

13) Como era o trânsito em Londres no século XIX?

14) Quem era Ginger e o que aconteceu com ela?

15) Beleza Negra disse que os cavalos, um símbolo de liberdade, foram vencidos pela ganância do homem e de sua Revolução Industrial. Peça para o seu professor de História falar sobre a Revolução Industrial.

16) Qual parte do livro você mais gostou e por quê?

17) Se tivesse que escolher, que personagem do livro você gostaria de ser? Justifique sua resposta

18) Qual personagem você não gostaria de ser?

19) Se fosse você a autora, o que você mudaria na história?

20) Imagine que você é um animal qualquer e escreva uma redação em primeira pessoa contando um dia de sua vida.

BELEZA NEGRA

A Autobiografia de um Cavalo

Anna Sewell

BIOGRAFIA DO AUTOR

Anna Sewell nasceu em 1820 em Yarmouth, Norfolk, Inglaterra, numa época em que a Inglaterra era conhecida como “o inferno dos cavalos”. Criada numa família Quaker, Anna teve uma educação religiosa bastante acentuada. Talvez venha daí sua preocupação humanitária em

relação aos animais, especialmente os eqüinos. Desde criança a autora gostava de cavalos. A convivência com esses animais e com as pessoas que lidavam com eles permitiu-lhe escrever um relato sincero e com bastante conhecimento de causa.

Anna dizia que seu livro **Beleza Negra** era especialmente voltado aos cocheiros, cavalariaços, carroceiros e pessoas que lidavam com cavalos de um

modo geral. A intenção dela era sensibilizar e conscientizar os profissionais da área a respeito do mal que causavam aos animais. No século XIX, o mundo vivia uma transição de uma sociedade agrária para uma sociedade mais dependente das máquinas e das indústrias. Em meio a essas mudanças, os cavalos eram vistos como instrumentos de trabalho e fontes de lucro para seus proprietários.

Narrado do ponto de vista do cavalo, o livro conseguiu

emocionar milhões de leitores ao redor do mundo, servindo inclusive de motivação para a criação de diversas sociedades de proteção e luta pelos direitos dos animais. **Beleza Negra** foi publicado em 1877 e logo já figurava entre os livros mais vendidos. Só nos Estados Unidos, onde foi lançado em 1890, o livro vendeu 1 milhão de exemplares em dois anos e, a partir daí, começou a ser traduzido para diversas línguas. Ao longo do século XX, a história ganhou várias

adaptações, e em 1994 o livro ganhou uma versão cinematográfica.

Atualmente alguns críticos consideram *Beleza Negra* uma obra muito sentimentalista. Contudo, não se pode negar que o livro transcendeu o prazer de uma boa leitura e foi capaz de protestar contra uma situação social, promovendo a conscientização de seus leitores.

Com a popularização dos trens, caminhões e automóveis a importância dos cavalos

como meio de transporte foi drasticamente diminuída. Anna Sewell morreu em 1878, um ano após a publicação de seu único livro, sem desfrutar de seu sucesso e sem presenciar as transformações na sociedade. Ironicamente, durante seu funeral, cavalos de várias carruagens estavam com as gamarras apertadas. Sua mãe então pediu aos cocheiros que as retirassem e foi atendida por todos.